

Elas no Ar: Uma análise da presença feminina nas emissoras de rádio de Ilhéus¹

Auany dos Santos BORGES²
Lauana Melgaço de JESUS³
Maria Gabrielle Valença BASTOS⁴
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

RESUMO

Este artigo investiga a presença feminina nas emissoras de rádio de Ilhéus, resgatando o histórico de exclusão das mulheres nos meios de comunicação desde a chegada da rádio ao Brasil. A pesquisa contextualiza como o modelo patriarcal limitou a atuação feminina no setor e expõe os desafios enfrentados pelas mulheres ao se inserir no meio radiofônico, além de analisar, por meio de entrevistas e pesquisas *in loco*, quais os perfis dessas mulheres e quais funções essas profissionais ocupam atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Mulheres; Representatividade; Ilhéus; Comunicação.

INTRODUÇÃO

Desde o início da formação social e econômica do Brasil, a divisão entre as funções sociais de homens e mulheres foi estruturada sob uma lógica patriarcal, que construiu a ideia de que certas profissões seriam “naturais” para homens. Essas distinções de papéis associam as mulheres à afetividade e ao cuidado, enquanto os homens são relacionados à razão e à liderança. Para compreender essa realidade, é necessário distinguir os conceitos de sexo e gênero, uma vez que a desigualdade não é resultado de determinações biológicas, mas de normas culturais e sociais.

Ann Oakley (1972 apud TILLY, 1994 p. 42) destaca a diferenciação entre sexo e gênero ao afirmar que “ ‘sexo’ é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. ‘Gênero’, pelo contrário, é um termo referente à cultura: ele diz respeito à classificação social em ‘masculino’ e ‘feminino’ [...]”. Logo, torna-se evidente que os papéis atribuídos a homens e mulheres nas diferentes esferas são construídos culturalmente. Essa lógica de construção também se reflete no mundo do trabalho, onde as oportunidades e funções ocupadas pelas mulheres foram limitadas e condicionadas por normas de gênero.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: asborges.rti@uesc.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: lmjesus.cos@uesc.br

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: mgvbastos.rti@uesc.br

Inseridas em espaços profissionais historicamente marcados por desigualdades, as mulheres ocuparam, em grande parte, posições precarizadas e de baixa remuneração, associadas a características consideradas próprias do gênero feminino, como docilidade e paciência. Esse padrão de segmentação de gênero também repercute nos meios de comunicação, como o rádio, que, desde sua chegada ao Brasil, reproduziu as desigualdades estruturais da sociedade.

Diante desse cenário, o presente estudo busca compreender qual o perfil das mulheres que ocupam as rádios locais e de que forma constroem suas trajetórias profissionais em um espaço historicamente masculinizado, contribuindo para a discussão sobre igualdade de gênero no campo da comunicação, destacando a importância da representatividade feminina para a democratização dos meios e a pluralidade de vozes femininas no rádio.

1. Rádio em Ilhéus: Origem e Evolução

Em 1923, um ano após a primeira transmissão radiofônica no Brasil, Roquette Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro com uma proposta educativa e científica. Ainda com um espaço muito restrito para mulheres, tem-se registros da participação de Maria Beatriz Roquette Pinto, filha do fundador, realizando locuções naquele mesmo ano. Apesar de pioneira, sua atuação não significou uma ampla inclusão das mulheres, pois, como aponta Albuquerque (2019), “a estrutura social da época não favorecia a permanência e ascensão de mulheres nos meios de comunicação”.

Ao longo das décadas seguintes, o rádio se expandiu pelo território nacional, alcançando os centros urbanos e as áreas mais remotas. No sul da Bahia, o desenvolvimento da radiofonia ganhou força entre os anos 1949 e 1960, período em que Ilhéus se consolidou como polo de comunicação.

Em Ilhéus, a primeira emissora surgiu em 1949: a Rádio Cultura de Ilhéus AM, idealizada e comandada por fazendeiros de cacau, representantes diretos do coronelismo da região.

Entre 1949 e 1960, diversas emissoras surgiram rapidamente, transformando Ilhéus e Itabuna (principais municípios regionais) em importantes polos aglutinadores de rádio, que passa a ser o principal meio de comunicação com as pessoas situadas nas vastas zonas rurais. (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2023, p. 2)

Desde sua origem, o rádio foi utilizado como ferramenta de manutenção de poder e dominação, sendo um “lugar exclusivamente masculino” (NOGUEIRA, 2007), e oferecendo à população acesso a informações e entretenimento ainda sob forte viés ideológico, como destaca Comassetto (2007 apud ALBUQUERQUE, 2019, p.3), “o rádio chegou ao século XXI sendo considerado o meio de comunicação de massas mais próximo do público, promovendo como nenhum outro os valores e discutindo os problemas da região ou localidade onde atua”.

No entanto, mesmo diante das transformações estruturais e econômicas pelas quais o rádio passou ao longo dos anos, ou com a precarização das condições de trabalho e a desvalorização da profissão, as mulheres continuaram caminhando às margens das emissoras, ocupando funções secundárias, perpetuando-se, assim, o comportamento patriarcal que marcou a organização desses espaços de comunicação.

2. A inserção da mulher nas emissoras de rádio

Desde as primeiras transmissões, as mulheres já atuavam no rádio, como Maria Beatriz Roquette Pinto, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e Lúcia Helena, que migrou dos anúncios para a locução na Rádio Nacional em 1936. Porém, os registros dessas contribuições foram escassos, o que gerou um processo histórico de apagamento da atuação feminina nesse meio. Como destaca Perrot (2017, p.16), é como se as mulheres “estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento”.

A chamada Era de Ouro do Rádio é o período com maiores registros de mulheres trabalhando no rádio, no entanto, elas permaneceram atuando em programas sobre cuidados domésticos ou beleza. Mesmo as cantoras e atrizes de radiodrama, como Dalva de Oliveira e Emilinha Borba, atuavam em um espaço que reforçava um ideal de feminilidade moldado para o entretenimento, enquanto eram excluídas de áreas como o radiojornalismo e o esporte (VELOSO, 2005). Ainda assim, elas resistiram e buscaram maneiras de se inserir nesse espaço hostil.

Atualmente, ainda que as desigualdades persistam, observa-se um crescimento da participação feminina nas rádios regionais, tanto na locução quanto nos bastidores. A ampliação dessa presença precisa ser acompanhada por discussões mais aprofundadas sobre as barreiras de gênero, portanto, a escuta da voz feminina no rádio precisa ser compreendida

como um ato político: uma voz que inspira e que, quando encontra espaço, também transforma.

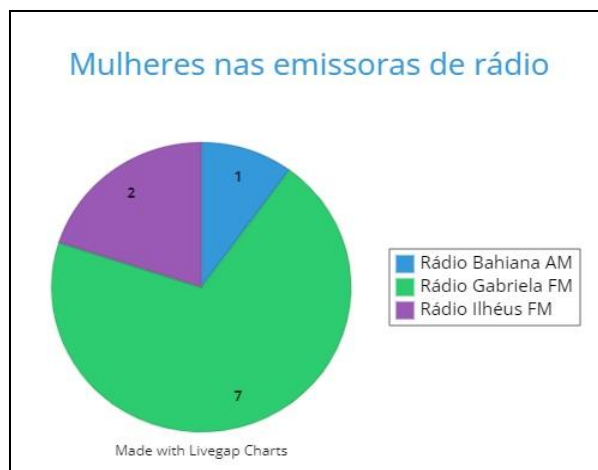
3. Panorama da presença feminina no rádio ilheense

Segundo informações fornecidas pela DRT-Ba e pelo Sindicato dos Radialistas de Ilhéus em 2023, o município conta com 147 profissionais de rádio registrados, sendo 41 mulheres. Esse número evidencia a presença feminina no certo, mas também levanta questionamentos sobre em quais funções essas mulheres atuam.

Para compreender melhor essa realidade, foi realizada uma pesquisa *in loco* em três emissoras de rádio da cidade de Ilhéus: 1. Rádio Bahiana AM; 2. Rádio Gabriela FM; e 3. Rádio Ilhéus FM; com o objetivo de traçar um panorama atual sobre a participação feminina no rádio ilheense.

A pesquisa adotou entrevistas semi estruturadas com 11 mulheres atuantes em diferentes funções nas rádios visitadas. Além disso, foram coletados dados demográficos e informações sobre as formações acadêmicas e atividades desempenhadas por elas. Os resultados foram organizados e apresentados em gráficos, oferecendo uma visão clara e comparativa da integração feminina nas equipes das emissoras analisadas.

Figura 1. Distribuição das mulheres nas emissoras de rádio de Ilhéus

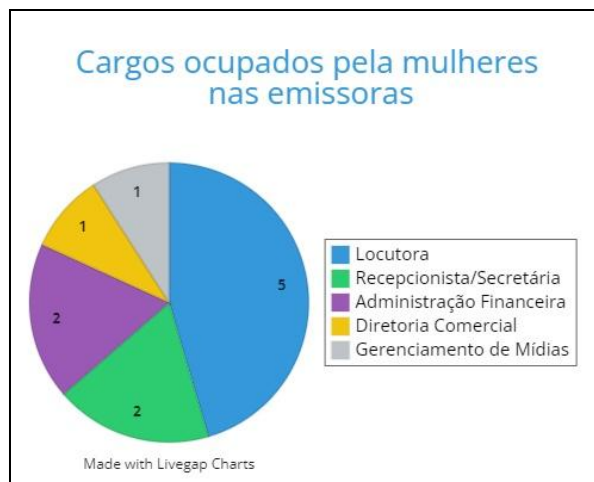


Fonte: Pesquisa *in loco*.

A análise do gráfico acima evidencia diferenças significativas na presença feminina nas emissoras de rádio de Ilhéus. A Gabriela FM se destaca como a emissora com maior número de mulheres em sua equipe. Em contrapartida, a Rádio Bahiana apresenta o menor

índice de participação feminina, revelando que a desigualdade de gênero ainda persiste no setor.

Figura 2. Cargos ocupados pelas mulheres nas emissoras



Fonte: Pesquisa *in loco*.

O gráfico demonstra os principais cargos ocupados por mulheres nas emissoras selecionadas em Ilhéus. A maioria das mulheres atuam como locutoras, responsáveis pela condução de programas e interação com o público. Também há um destaque para as funções de recepcionista e administração financeira.

Figura 3. Perfil educacional das entrevistadas



Fonte: Pesquisa *in loco*.

Os dados de escolaridade superior revelam que as mulheres nas emissoras de Ilhéus são, em sua maioria, bem qualificadas academicamente, o que gera um impacto positivo na qualidade do trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres sempre fizeram parte da história da radiodifusão, seja nas locuções, na produção, na recepção ou na administração, mas suas trajetórias foram invisibilizadas ou minimizadas diante da hegemonia masculina. Resgatar essas histórias é fundamental não apenas para reconhecer essas vozes, mas também para inspirar e abrir caminhos para novas gerações de mulheres comunicadoras.

A presença feminina nas emissoras de rádio de Ilhéus revela avanços importantes, mas também expõe desafios que ainda precisam ser enfrentados. Embora o número de mulheres atuando nesses espaços tenha crescido, a luta por igualdade de oportunidades, reconhecimento profissional e ocupação de cargos de liderança permanece a evidenciar a necessidade de políticas efetivas de inclusão e valorização profissional.

Logo, entender o rádio como um espaço de disputa simbólica e política reforça a importância de que mais mulheres ocupem os microfones e as decisões editoriais contribuindo para uma comunicação mais plural e sensível às questões de gênero.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana C. P. Tenório de. **70 Anos Depois: o Rádio no Sul da Bahia e seus desafios atuais**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém, 2019.

ALBUQUERQUE, Eliana; OLIVEIRA, Rodrigo Bomfim. **Rádio é substantivo masculino: Observações sobre a presença das mulheres no rádio do sul da Bahia**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. PUCMinas, 2023

NOGUEIRA, Silvia Garcia. **As rádios, os políticos e a política: Uma relação íntima no interior baiano**. In: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 123-147, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

TILLY, Louise A. **Gênero, História das Mulheres e História Social**. 1994. Cadernos Pagu, 3a Edição: pág. 29-62.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **O Fenômeno Rádio Mulher: Comunicação e Gênero nas Ondas do Rádio**. PPGCOM: Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2005.